

O Uso Das Aquarelas de Debret para Trabalhar História Regional: o caso de Pelotas

SOARES, Tamires¹

MONTEIRO, Ubirajara²

ARRIADA, Eduardo³

Resumo

A presente pesquisa aborda a importância de trabalhar com a história da cidade, ou seja, história da região no quinto ano do ensino fundamental, com o intuito de tornar o primeiro contato com a disciplina de História algo mais concreto para os alunos. Essa idéia surgiu durante nosso estágio docente, pois os alunos apresentaram curiosidades sobre sua cidade, deste modo, acreditamos que o primeiro contato com a disciplina é mais proveitoso tanto para os professores quanto para os alunos, se for iniciado pela história regional, principalmente da cidade, pois responde a algumas curiosidades que os alunos apresentam no decorrer das aulas de história, além de permitir trabalhar com algo do cotidiano dos alunos. Essa temática pode ser trabalhada de forma dinâmica e sempre procurando um diálogo em que aluno possa ter a oportunidade de refletir sobre o meio em que vive um exemplo de abordagem dinâmica da história regional no caso de Pelotas é através de duas Aquarelas de Debret, datadas de 1820, as quais permitem trabalhar com o estabelecimento das charqueadas, juntamente com a mão-de-obra escrava e com o privilegio da localização geográfica.

Palavras-chave: Pelotas, Ensino, Debret, Aquarelas.

Abstract

This research approach the importance of working with the city's history, or history of the region in the fifth year of primary education in order to make the first contact with the discipline of history something more concrete for students. This idea came up during our internship teaching, because students were curious about their city, thus we believe that the first contact with the discipline is more useful for teachers and students, if initiated by the regional history of the city mainly because supplies some curiosities, besides allowing to work with something of the daily life of students. This theme can be worked in a dynamic and always looking for a dialogue with the aim that the student passes and think historically, an example of dynamic approach to regional history in the case of Pelotas is through two watercolors of Debret, dated 1820, which allow to work with the establishment of charqueadas and along with labor, slave labor and the privilege of geographic location.

Keywords: Pelotas, Education, Debret, Watercolors.

Introdução

As aulas de história sofreram algumas mudanças através dos anos, na época dos nossos pais a história era abordada nas escolas de uma maneira tradicional, basicamente aprendiam datas e nomes de pessoas ditas "importantes" e fatos, ou seja, uma história factual, de acordo com o modo tradicional, o qual enfatiza o aprendizado de datas, nomes, fatos histórico. Nessa visão tradicional, a história é tida como verdade, inquestionável, entretanto, atualmente a proposta de aprendizado histórico está bem diferente da abordagem factual, hoje em dia o ensino de história

procura trazer propostas dinâmicas de aulas, fazendo uso de recursos áudio visuais, imagens, entre outros. Hoje notamos que, “as fronteiras tornaram-se menos rígidas e privilegiamos as práticas interdisciplinares, estabelecendo diálogos com outras áreas do conhecimento, e tomando delas o empréstimo de procedimentos, conceitos e experiências.” (PAIVA, 2006, p.11)

As novas propostas para o ensino de história baseiam-se em ensinar os alunos a pensar historicamente, para que esse objetivo seja alcançado, o professor deve provocar discussões sobre determinados assuntos em sala de aula, de modo que estimule a reflexão, além disso, sempre é necessário levar em conta as experiências dos alunos, se possível fazer conexões entre o conteúdo trabalhado e a realidade vivida pela turma.

Assim, saber história não é a mesma coisa que pensar historicamente correto, pois o conhecimento histórico que é apenas aprendido como algo dado não desenvolve a capacidade de dar significados para a história e orientar aquele que aprende de acordo com a própria experiência histórica. (SCHMIDT, 2009, p.72)

Atualmente existem diversas formas acesso as informações, os jovens hoje em dia têm a sua disposição televisão, computador, filmes, documentários, etc., logo o professor precisa buscar formas mais dinâmicas para trabalhar o conteúdo em sala de aula, de modo que chame atenção do aluno, para isso é necessário pensar em aulas diferenciadas.

[...] a história ensinada pode inserir-se no movimento da “crítica ao documento”; é pensar e propor alternativas pedagógicas que incluam a possibilidade de usar, no cotidiano da sala de aula de história do ensino fundamental e médio, as mesmas fontes com as quais os pesquisadores criam relatos sobre o passado. Partimos da suposição de que o uso de fontes no ensino de história pode ser uma estratégia adequada e produtiva para ensinar história a indivíduos que não tem como objetivo se tornar historiadores, mas para os quais o conhecimento da história pode fazer muita diferença na compreensão do mundo em que vivem e, portanto, na construção de seus projetos de vida. (PEREIRA, SEFFNER, 2008, p. 114)

A maioria das escolas de Pelotas disponibilizam para seu corpo docente materiais como, data show, televisão e DVD, portanto o avanço da tecnologia pode ter suas conseqüências, mas também pode vir a ajudar nas aulas, tornando as aulas mais dinâmicas. O 5º ano do ensino fundamental é o momento em que os alunos têm o primeiro contato com a disciplina de história, o conteúdo trabalhado geralmente é a história regional, alguns professores partem da história da cidade, pois é mais próxima dos alunos, permitindo maior intercâmbio entre ensino de história e realidade.

Durante nosso estágio docente percebemos que as crianças expressam curiosidade em saber como a cidade surgiu, quando foi construídos os prédios do centro histórico, entre outras curiosidades. Uma cidade como Pelotas que tem

praticamente 200 anos conta com um patrimônio arquitetônico muito vasto, e os alunos questionam sobre eles. Segundo FREIRE (2011, p.33) a curiosidade é o que nos tira da inércia. “[...] sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo [...]” Contudo acreditamos que a história regional trabalhada no quinto ano é muito importante para os alunos, pois além de ser o primeiro contato com a disciplina, proporciona varias ligações com as realidades vividas pelos alunos, além disso, é um momento propício para o professor propor discursos, incentivando o aluno a refletir.

Tendo em vista a importância da dinâmica no ensino da história, está pesquisa propõe a utilização de três Aquarelas de Debret datadas de 1820, as quais podem ser trabalhadas de varias formas, observando os vários elementos que elas trazem, portanto através dessas três Aquarelas iremos abordar a formação das charqueadas, o trabalho escravo e a importância da localização para escoar a produção, deixando um pouco de fora o foco da história dos prédios centrais.

Jean-Baptiste Debret

Para entendermos melhor o contexto de tais aquarelas iremos traçar um breve “histórico” sobre o artista Jean-Baptiste Debret. Debret nasceu em 1768 em Paris e na mesma cidade veio a falecer em 1848, chegou no Rio de Janeiro em 1816 ficando aqui até 1831, permanecendo 15 anos no Brasil, presenciando as transformações, a vida do Império português e freqüentando os bailes reais. Trabalhou como artista cenógrafo das Cortes portuguesas e brasileiras.

Jean-Baptiste Debret, nascido em Paris no ano de 1768, foi um artista bastante inserido em seu tempo: freqüentou um ateliê de pintura, realizou o imprescindível *séjour* na Itália, ingressou na academia francesa, freqüentou os Salões e recebeu alguns prêmios por suas cenas históricas. Em sua infância, desfrutou de um ambiente em que o pai, funcionário público, demonstrava grande interesse pela história natural. (LIMA, 2007, p. 69)

Debret era um artista ligado a Napoleão durante a Revolução Francesa, porém quando o império Napoleônico acaba e retorna ao regime monárquico, tendo como aliados os países que compunham a Santa Aliança, os quais tinham a pretensão de apagar todos os resquícios revolucionários, Debret resolveu deixar a França.

Assim conhecida Missão Artística Francesa tinha a incumbência de organizar no Rio de Janeiro, uma academia de artes que, seguindo o modelo francês, divulgasse entre nós o gosto pelas belas-artes, além de introduzir o ensino de alguns ofícios fundamentais ao desenvolvimento material do país. (LIMA, 2007, p.89)

Os 10 primeiros anos da formação da acadêmica foram lentos devido as desavenças entre os artistas, os diretores e os decretos. Debret durante o tempo que esteve no Brasil registrou a realidade que lhe chamará atenção em aquarelas⁴, a técnica foi escolhida devido às más condições que ele encontra nas viagens, além disso, havia a necessidade de um registro rápido das cenas que ele achava

importantes de serem retratadas, logo não havia espaços para técnicas mais requintadas. Essas obras viraram uma obra história, publicada em três volumes. "Seu relato, dividido em três volumes temáticos, não é propriamente cronológico, apesar de apresentar preocupações que se inscrevem na ordem do tempo, tais como idéias de progresso social e político, de desenvolvimento econômico e de avanço da civilização." (LIMA, 2007, p. 146)

Ao analisarmos as aquarelas não podemos esquecer que elas retratam a visão de um olhar de um viajante-artista, diferentemente de Auguste de Saint-Hilaire, que foi um naturalista francês, apoiado pela dinastia Bourbon, vindo para o Brasil em 1816 com a missão de viajar pelo interior do Brasil e descrevê-lo. "[...] os três volumes da Viagem Pitoresca e Histórica de Debret destaca-se claramente a preocupação do autor com a elaboração de um discurso histórico sobre o Brasil e com a fidelidade de seu testemunho /relato para com a verdade dos fatos que apresenta ao leitor." (LIMA, 2007, p. 129)

A partir das descrições e das aquarelas produzidas por Debret, pode-se trabalhar a história do surgimento da indústria de carne seca no sul do país, e o surgimento a partir de tais estabelecimentos de uma vila, que mais adiante tomaria proporções de uma cidade que será chamada de Pelotas. A região onde hoje compreende o Rio Grande de Sul antes do tratado de Santo Idelfonso era muito disputada entre os espanhóis e os portugueses, difícil de habitar por tratar-se de uma zona de disputas, portanto somente após a assinatura do tratado em 1777, onde tal região ficou nas mãos dos portugueses que podia-se pensar em habitar tal região.

Dois anos depois de Idelfonso, em 1779, começaram as doações de sesmarias de campos militares de carreira, a liderança de grupos armados e a alguns religiosos. As sesmarias delimitadas por esses acessos fluviais, transformaram-se num conjunto formado por estâncias, charqueadas e olarias, chamadas de Pavão, Santana, São Tomé, Santa Barbara, Monte Bonito, Pelotas e, para completar, a Real Feitoria do Linho-Cânhamo, logo transferida para o atual município de São Leopoldo. (GUTIRREZ, p.234)

A sesmaria Santa Bárbara, Monte Bonito e a Sesmaria Pelotas são hoje a cidade de Pelotas, entre a Lagoa do Fragata e a Lagoa Pequena. Um ano após a distribuição das sesmarias, em 1780, a sesmaria do Monte Bonito começou a distribuir datas de terras, foram ao total 19 datas entre o canal São Gonçalo e o Arroio Pelotas. "Durante o século XIX, as datas de terras foram subdividindo-se e transformaram-se numa zona fabril. [...] estavam estabelecidas pelo menos, trinta charqueadas contíguas" (GUTIERREZ, p. 238). O pioneiro foi José Pinto Martins, um charqueador que estava estabelecido no Ceará, porém nos vinte últimos anos do século XVIII houve uma seca muito grande em tal região que acabou refletindo na produção de charque.

Sabe-se que em 1780, n'uma parte dos terrenos de M. Carvalho de Souza (arroio Pelotas) fundou Jozé Pinto Martins, vindo do Ceará, uma xarqueada. Esta prosperou; J. Pinto Martins seria ativo, enérgico, bondoso: encontrou apoio nos estancieiros vizinhos aquém proporcionava melhor desfrute do gado; empregava grande numero de pessoas; famílias arrancharam-se em torno do seu estabelecimento; [...] (NETO, 1911, p.17)

No entanto sabendo que a região sul região tinha sido “pacificada” com a assinatura do tratado de Santo Idelfonso, havendo nessa região muitos gados soltos remanescentes da antiga Vacaria Del Mar e afluentes favoráveis para o escoamento da produção, José Pinto Martins veio para onde hoje é a cidade de Rio Grande, observando as condições percebeu que devido a areia e o forte vento, não era possível fundar ali sua indústria de carne seca, pois o charque ficaria coberto por areia. Um visitante que descreve essa região muito bem é Auguste Saint-Hilaire, um naturalista francês que esteve na cidade de Rio Grande em agosto de 1820, e em suas anotações diz:

A leste e sudeste estendem-se pântanos lamacentos. A oeste e sudoeste areias de extrema fineza cansam a vista pelo seu colorido esbranquiçado e formam montículos que vão até junto das casas situadas atrás da cidade, elevam-se tanto que ameaçam aterrar as construções. [...] As varias excursões por mim feitas na faixa de terra onde está edificada a cidade de Rio Grande demonstra-me que ela é inteiramente coberta de areia, salvo nas margens do Rio Grande e na Mangueira. (SAINT-HILAIRE, 1974, p.53 e 63)

Tendo em vista a impossibilidade de estabelecer-se naquela região procurou outro lugar que tivesse as características necessárias como o gado disponível e os afluentes, então encontrou tais características em uma região que também fazia parte da Cidade de Rio Grande, que é a região banhada pelo Canal São Gonçalo e o Arroio Pelotas, a sesmaria Monte Bonito. Então nas ultimas duas décadas do século XVIII nesta região se estabeleceu e fundou a primeira charqueada, após ele vários outros seguiram seus passos tornando a região uma zona fabril.

[...] São Francisco de Paula a vantagem inapreciável de estar situada sobre o rio São Gonçalo, que comunica-se a Lagoa Mirim com a Lagoa dos Patos e permite, assim, o transporte por água dos produtos da campanha vizinha, dos terrenos neutros e da parte sudeste da Banda Oriental. Além disso, as margens do São Gonçalo estão cobertas de charqueadas ou saladeiros, que enriquecem os seus proprietários a ponto de eles já terem projetado, à sua custa, um canal mais profundo que o rio. (ISABELLE apud ARRIADA, 1994, p. 68)

Como podemos perceber não foi apenas o Jean-Baptiste Debret que relatou sobre a produção de carne seca no sul do país, temos vários relatos sobre tal assunto, um deles como já mencionado é de Saint-Hilaire, que encima de informações segundo eles verbais que lhes foram relatadas durante a viagem, a carne seca era exportada para vários lugares, “exportada principalmente para o Rio de Janeiro, Bahia e Havana, onde serve para alimento para os negros” (SAINT-HILAIRE, 1974, p.67) Saint-Hilaire hospedou-se na casa⁵ do charqueador Gonçalves Chaves, então

saiu do porto de Rio Grande juntamente com Chaves em um iate passando pela Lagoa dos Patos entrando no São Gonçalo e após no Arroio Pelotas onde ficava a casa de Chaves, esse trajeto ele descreveu da seguinte maneira.

Entretanto uma chuva forte obrigou-nos a descer no iate, privando-nos do prazer de ver o sitio por onde passávamos. Somente à entrada do Rio de São Gonçalo, que não é verdadeiramente um rio, mas um canal estreito ligado as Lagoas dos Patos e Mirim, [...]. Em seguida passamos a um outro rio chamado Pelotas, na margem do qual se situa a residência do Sr. Chaves, onde chagamos após meia légua de viagem. (SAINT-HILAIRE, 1974, p.67)

A produção do charque exigia todo um processo, primeiramente o gado era abatido, depois tirava-se o couro, desossava, cortava em mantas, salgava, empilhava as mantas salgadas e por fim estendia elas em varais para secar. Esse processo era feito por mão-de-obra escrava, a figura 3 mostra o processo de abater o gado.

Diante da residência do Sr. Chaves estendem-se belo gramado e além vêem-se várias fileiras, compridas, de grossos paus fincados na terra. Têm cerca de pés, sendo cada um terminado por uma pequena forquilha . Essas forquilhas recebem varões transversais destinados a estender a carne a secar, no tempo das xarqueadas. Ao lado desses secadouros existe onde se salga a carne e onde é construído o reservatório, denominado tanque. Quanto o animal é abatido, retalham-no, salgam os pedaços e colocam no tanque onde se impregnam de salmoura. Ao fim de 24 horas vão para os secadouros, onde ficam durante 8 dias, quando há bom tempo. A carne seca não se conserva mais de um ano. (SAINT-HILAIRE, 1974, p.67)

Outros viajantes também escrevem sobre os estabelecimentos fabris na região como Nicolau Dreys.

[...] nas charqueadas limítrofes na província do Rio Grande do Sul, os peões montam a cavalo; um deles estimula o animal recolhido num curral aberto agitando ante seus olhos o ponche colorado, e quando o novilho exasperado lança-se afinal sobre o agressor entra a persegui-lo outro peão, armado de uma lança comprida, cujo ferro tem o feito de meia lua, corre atrás do boi preliminarmente excitado pelos mesmos meios; entretanto, um camarada ou negro escravo toma conta do animal caído, e sangra-o: esse método não é sem perigo, mas por isso mesmo agrada aos hábeis aventureiros do gaúcho. (DREYS apud ARRIADA, 1994, p.52-53)

Os relatos de Debret e Dreys são bem interessantes de serem analisados.

O curral é um cercado de seis a sete pés de altura mais ou menos, e formado pela reunião de uma grande quantidade de troncos de arvores plantados uns ao lado dos outros e no qual se abre uma entrada fechada por uma porteira. Um pequeno corredor, de doze pés de comprimento por quatro de largura, une o curral ao matadouro; as cercas porém e com somente cinco pés de altura, servem de passagem elevada para o negro encarregado de jogar o laço nos chifres do boi que deve ser puxado para o corredor. A outra extremidade do laço, amarrada a uma manivela, força o boi a aproximar-se em que deve receber o golpe do abate. (DEBRET apud ARRIADA, 1994, p. 53-54)

Analisando esses relatos nota-se algumas diferenças no modo de abater o animal, nos parece um aperfeiçoamento da prática. "O ato de charquear deixava de ser artesanal, onde abate era feito em campo aberto, inexistindo dessa forma um aproveitamento integral do animal, para atingir todo um complexo industrial [...]" (ARRIADA, 1994, p. 55) Houve uma especialização do abate e de como aproveitar outras partes do animal. "Finalmente, cortado em pedaços, foi o conjunto jogado na água fervendo das caldeiras, a fim de se escumarem as gorduras que vêm à tona e retirar o sebo comum que se vende em pães." (DEBRET apud ARRIADA, 1995, p.54) Além da gordura usada em pães, fazia-se velas, os ossos depois de limpos viravam cal, sabões eram feitos das graxas, o couro era usado em diversas coisas, entre outras partes que não eram desperdiçadas. Porém esses processos também evoluíram com o passar dos anos, em uma descrição de Dreys:

[...] Dreys considerou que os ossos, a cabeça, as extremidades, os miolos e o tutano eram colocados em uma caldeira fervendo para a separação da graxa, que se embalava na bexiga ou nos grossos intestinos para serem comercializados. O peritônio, o efilon e as outras partes sebáceas eram secados para compor uns pães de sebo grosseiro que se vendiam no Rio Grande do Sul. (GUTIERREZ, 2006 p.250)

Após aproximadamente 40 anos, Couty descreveu um processo bem mais complexo, logo percebemos afirmar que houve essa evolução da lida com os restos que eram aproveitados após o abate do gado. A produção do charque era sazonal, ou seja, somente durante um período e este era primavera e verão, pois no inverno devido às chuvas a carne não secava, então nesses meses a mão-de-obra escrava era destinada a fabricação de cerâmicas, construção de prédios, etc.

Análise das Aquarelas

A figura 2 retrata o cotidiano do Arroio Pelotas, geralmente utilizado para escoar produção e também para trazer às encomendas que eram feitas tanto para outros lugares do Brasil, quando para países, pois produtos como trajes finos, moveis, entre outras iguarias não eram encontradas no mercado da aldeia. A aldeia era distante da zona fabril e contava com lojas, paróquia, e casas, "algumas famílias de Rio Grande mudaram-se para aqui, e é crível que daqui a pouco tempo esta aldeia será acrescida de um grande número de novos habitantes, atraídos pela posição favorável da povoação, pela beleza da região e riqueza dos que se acham aqui estabelecidos." (SAINT-HILAIRE, 1974, p.69) Além disso, notamos o tráfico de gados, de uma margem para outra e figuras negras representando o trabalho escravo.

A figura três reproduz o abate do gado, o momento da matança, os homens que estão provavelmente homens brancos, pois estão melhor vestidos e a cavalo, diferente do escravo que não montava cavalo e tinha vestimenta mais simples. A figura era mostra o gaúcho atingir com uma lança o jarrete do boi, lhe tirando a agilidade de se movimentar, então é arrastado e o escravo sangra-lhe o pescoço e lhe retira o couro. Portanto a figura retrata além do modo de abate, demonstra a diferença hierárquica entre o gaúcho e o escravo.

A figura quatro expõe todo o processo de produção da carne salgada, nela está representado o brete que é o local onde o gado ficava esperando para ser morto, como vemos no canto direito da imagem, um local pequeno e cercado, o local da matança o qual conta com uma vala por onde escorre o sangue dos animais sacrificados, esse sangue mistura-se as águas do Arroio, o local onde a carne é cortada e salgada, o couro estendido para secar, os varais com as mantas de carne já salgadas secando, os galpões onde o processo se dava, e bem ao fundo a casa do senhor, além de todo o modo de produção, a figura demonstra a preeminência de mão de obra escrava em tal indústria. Encontramos escravos matando, carregando mantas, estendendo o couro, demonstrando a importância da mão-de-obra escrava para tal indústria e a disparidade entre figuras brancas e negras.

As figuras nos mostram uma riqueza muito grande de detalhes e com isso podemos propor discussões em sala de aula, além disso, diferente da história do grande centro histórico, aparece à figura negra, o duro trabalho insalubre e a disparidade social.

Conclusão

As novas propostas de ensino de história visam a reflexão por parte do aluno, com isso nos proporcionam inúmeras alternativas de aulas, alternativas essas mais desprendidas da dinâmica livro-quadro. Como vimos escolhemos para uma proposta de ensino de história regional as imagens, porém esse tipo de recurso exige planejamento, tem que ser bem pensado para ser utilizada de maneira coerente, sem tratar a imagem como confirmação do que está sendo trabalhado e sim como uma oportunidade de reflexões, por isso escolhemos as aquarelas de Debret, pois elas nos proporcionam várias interpretações, várias análises.

A presença de figuras negras e do Arroio Pelotas torna as aquarelas muito interessantes, pois se pegarmos para observar imagens dos prédios do centro histórico, não encontraremos tais figuras, pois o centro histórico era um lugar de opulência, de senhores e senhoras, carruagens e não demonstra o trabalho escravo. Diferente desse ambiente requintado do centro, as charqueadas são lugares em que predominam as figuras negras através do duro trabalho escravo, o outro fator que é o Arroio Pelotas nos permite explorar a importância dos afluentes para a constituição da vila e mais adiante a cidade, o que é pouco enfatizado nas aulas de história sobre a cidade, porém julgamos ser de grande importância.

Além disso, as figuras demonstram claramente o processo de produção da carne seca, que unidas aos relatos dos viajantes que por aqui passaram no mesmo período, conseguimos alcançar um cenário próximo do que eram as charqueadas, pois segundo as novas propostas de ensino de história, por mais fontes interessantíssimas disponíveis nunca podem expor aos alunos que a história

como o retrato fiel do que aconteceu no passado, e sim uma aproximação, uma hipótese de como foram ocorreu, jamais podemos reforçar a idéia da historia como verdade inquestionável.

Portanto ao ensinar história de Pelotas, pode-se usar como recurso as aquarelas de Debret, pois servem de fonte para inúmeras reflexões não só da história da cidade, do trabalho escravo, da importância das vias fluviais, mas também sobre o modo com que a história é escrita e o caráter de aproximação da verdade, mas nunca a verdade em si.

Anexos:



Figura 1

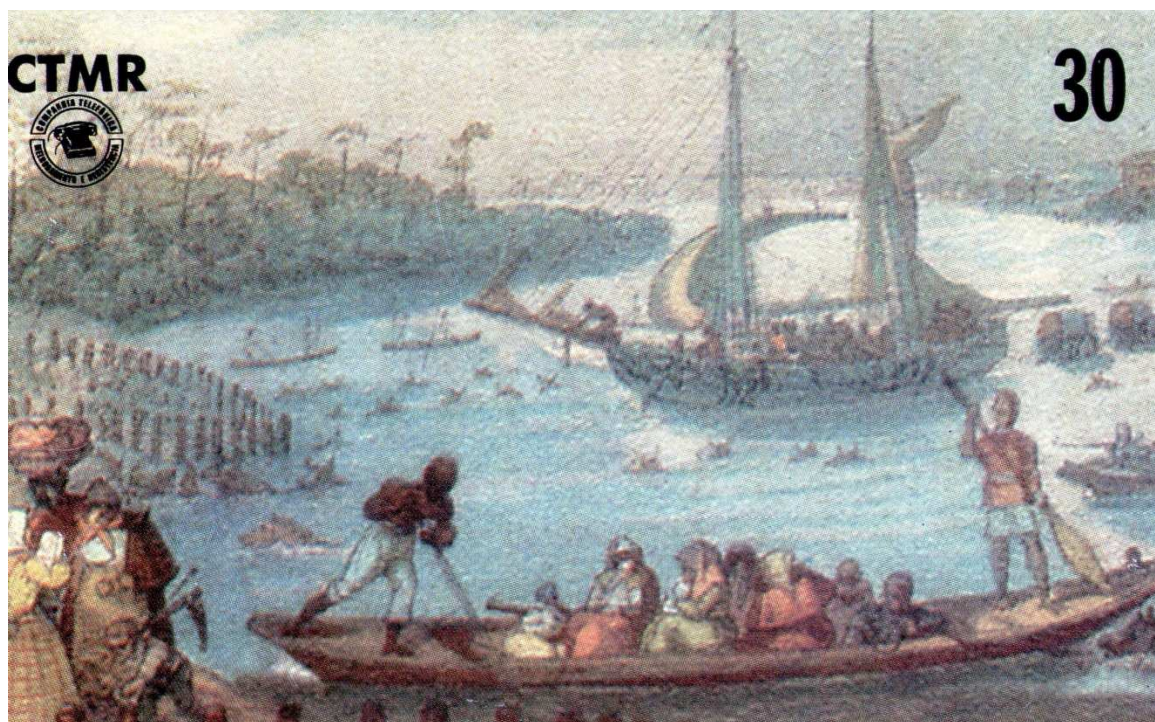


Figura 2



Figura 3



Figura 4

Fontes:

SAINT-HILAIRE, Auguste. Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821. Traduzido por Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: USP, [1974].

GARRIADA, Eduardo. Pelotas Gênese e Desenvolvimento Urbano (1780-1835). Pelotas: Armazém Literário LTDA, 1994.

Referências Bibliográficas:

PAIVA, Eduardo. História & Imagem. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

- LIMA, Valéria. J.-B Debret Historiador e Pintor: a viagem pitoresca e a história do Brasil (1816- 1839). Campinas- SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SCHIMIDT, Maria Auxiliadora, CAINELLI, Marlene. A aprendizagem histórica. In: _____. Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2009.
- ARRIADA, Eduardo. Pelotas Gênese e Desenvolvimento Urbano (1780-1835). Pelotas: Armazém Literário LTDA, 1994.
- PEREIRA, Nilton. SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula. Anos 90. Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 113-128, dez. 2008 Disponível em: <<<http://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/7961>>>. Acessado em 20/06/2012, às 21:21hs.
- NETTO, João Simões Lopes. A Fundação de Pelotas. Revista do 1º Centenário de Pelotas, Pelotas, n. 2, p. 17-22, nov. 1911.
- GUTIERREZ, Ester J. B. Sitio charqueador pelotense. In. BOEIRA, Nelso. GOLIN, Tau. História Geral do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos, 2006, v. 2.

Imagens:

Aquarelas: Acervo da família Arriada

Imagem disponível em: <<www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/corte-portuguesa-do-brasil/imagens/corte-portuguesa-no-brasil-4.jpg>>. Acessado dia 30 de maio de 2012.

Notas

1Acadêmica do curso de História Licenciatura-ICH, Universidade Federal de Pelotas, tamiresxaviersoares@hotmail.com.

2Acadêmico do curso de História Licenciatura-ICH, Universidade Federal de Pelotas, biradosul@hotmail.com.

3Prof. Dr. do curso de Pós-Graduação em Educação-FAE, Universidade Federal de Pelotas, earriada@hotmail.com.

4[...] um procedimento antigo na história da representação e de sabermos que Albrecht Dürer (1471-1528) registrou, em aquarela, sua viagem aos Alpes e à Itália, em 1490, a aquarela tornou-se, no século XV, uma técnica empregada para trabalhos considerados menos artísticos, por ser relativamente simples e fácil execução. (LIMA, 2007, p. 143)

5Hoje conhecida como charqueada São João.

6Citação de citação.